



**Curadoria de textos do Blog do Instituto  
LetraPreta**





Licença Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0: O conteúdo do e-book pode ser reproduzido sob as condições estabelecidas pela Licença Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0. Esta licença permite que o material seja copiado e redistribuído apenas se for garantida a atribuição aos autores de cada conteúdo reproduzido. A utilização desta licença só é possível para uso não comercial, sem qualquer tipo de modificação. Os termos da licença podem ser consultados em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt>

## Organização

Gabriela Rabello de Lima, Maurício Silveira Cardoso, Rafaela Cristine Barcelos dos Santos Luiz Ribeiro

Capa e diagramação  
Inara Marchi

Ilustrações  
Inara Marchi

Dezembro de 2025

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Deu letra! [livro eletrônico] : curadoria de textos do blog do Instituto Letra Preta / [organização Gabriela Rabello de Lima, Mauricio Silveira Cardoso, Rafaela Cristine Barcelos dos Santos Luiz Ribeiro]. -- Porto Alegre, RS : Instituto Letra Preta, 2025.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-983988-4-2

1. Blogs (Internet) 2. Cultura afro-brasileira  
3. Letramento 4. Literatura brasileira - Coletâneas  
I. Lima, Gabriela Rabello de. II. Cardoso, Mauricio Silveira. III. Ribeiro, Rafaela Cristine Barcelos dos Santos Luiz.

25-325721.0

CDD-B869.908

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.908

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



# PREFÁCIO

Prezadas pessoas leitoras e entusiastas do Letra,

Esta é a nossa segunda obra comemorativa do Instituto. Diferentemente da primeira, este livro nasce de um gesto de curadoria: a seleção dos nossos 100# textos mais significativos publicados ao longo da trajetória do Blog deu Letra. O nosso blog é mais do que um espaço de publicação. Ele se consolidou como um território de circulação de ideias, experiências e ferramentas voltadas à educação antirracista e ao letramento racial, dialogando também com a cultura negra, as escrevivências e, mais recentemente, com a linha descomplicando artigos, criada para tornar produções acadêmicas mais acessíveis a diferentes públicos.

A proposta desta obra foi justamente essa: reunir parte do que produzimos de forma mais potente, diversa e comprometida, para que mais pessoas possam acessar, refletir e utilizar esses conteúdos em seus próprios contextos, como escolas, na sua formação pessoal, na sua comunidade ou na vida cotidiana. Esta nossa segunda obra comemorativa do Instituto trata-se de um recorte intencional, pensado a partir da relevância dos temas, da força das narrativas e do impacto que esses textos tiveram ao longo deste ano. Em muitos casos, as pessoas autoras aqui presentes publicaram mais de um texto ao longo do ano e foi difícil escolher o melhor texto. Por isso, convidamos você a ir em nosso site, conferir os demais textos e também as referências completas, que por razão e estilo da obra optamos por não inserir neste ebook. Estes textos também podem ser citados para fins de estudos e pesquisas.

No mais, celebrar esta segunda obra comemorativa do Letra é reafirmar o compromisso do Instituto com a produção e a democratização de conhecimentos negros, críticos e situados, além da construção de memória coletiva. Agradecemos a todas as pessoas autoras que ainda seguem conosco e as que, por alguma razão, precisaram se ausentar do Letra, essa obra representa o nosso muito obrigado por toda a dedicação e conhecimento propagado pelas palavras de cada um/a. Que estas páginas sigam dando Letra, abrindo caminhos e fortalecendo práticas educativas mais justas, inclusivas e conscientes.

GABRIELA RABELLO  
FUNDADORA DO INSTITUTO





# SUMÁRIO

- 7 Os assass\*n@s de Zora
- 9 Será que o Brasil é laico mesmo?
- 12 Educação Quilombola e suas Confluências: Saberes, Territórios e a Filosofia de Nêgo Bispo
- 15 O boneco feito de água
- 17 Sobre dores e amores de um pai e professor
- 20 No Brasil, país em que uma mulher é morta a cada 4 horas, ainda há dúvidas de que precisamos ter uma ministra negra no STF?
- 22 A quilombagem crítica como método de reexistência
- 25 A falta de representatividade e os impactos sofridos ao longo da vida
- 28 Homem com H
- 31 Não será um texto sobre Amizade
- 33 Medo ou Respeito: A Delicadeza de Criar um Filho



- 35 Quando o estigma se transforma em violência psicológica
- 38 Quando nada é seguro, tudo é possível!
- 41 Violência contra mulheres : Enquanto estivermos nas estatísticas, Haverá luta!
- 43 Bioética e conceitos de Saúde/doença: a mitologia contida nos Itans de Exu e Omolu num conceito decolonial
- 46 Quando a lei não basta.
- 52 A Fé é o alicerce da vida!
- 55 Beatriz Nascimento: Presente! Somos Atlânticas, somos Ngola Djanga
- 61 O combate ao racismo linguístico é inadiável
- 63 28 de outubro de 2025: necropolítica e o genocídio nas favelas do Rio de Janeiro.
- 66 Férias? Nosso corre sempre foi outro!



# OS ASSASS\*NAS DE LORã

Aline de Moura Rodrigues



**"DESCULPE.** Eu só sei escrever."

A mão bonita e preta pendia da cadeira onde estava sentada, ela rasgava mundos. As unhas vermelhas apontavam para o lápis caído no chão. Sobre a mesa, além da máquina de escrever, havia canetas e papéis. Em um fundo branco se lia: "por quanto tempo ainda..." Sua letra bonita, redondinha e bem-feita, entregava que aquela não era a primeira vez que ela escrevia à mão.

Ao lado do papel onde se lia a frase última, havia um cupom fiscal amassado. Em letras negritas, o nome de um supermercado, um horário e uma cidade: Porto Alegre. As mesmas mãos que agora pendem da cadeira, horas antes carregavam sacolas e antes ainda, um cesto de compras, também vermelho. No labirinto do cotidiano, sua simples necessidade era comprar comida. O coração palpitava forte a cada esquina, entre queijos e caixas de sabão em pó. Ao seu lado, sempre uma sombra além da sua, a acompanhava. O ritmo frenético aumentava à medida que ela se movia entre os corredores. A cada escolha, uma palpitação. O que haveria de errado?

Como pode alguém ter duas sombras? Mas nos corredores do labirinto da fome, ela tinha sempre mais de uma.

A cabeça tentava fugir para outros pensamentos. Lembranças boas de labirintos da infância, onde tudo parecia doce. Agora, neste correr sem sair do lugar, até a fome ela foi perdendo, enquanto sua segunda sombra foi se multiplicando, seu coração pulsando mais e mais e mais... "já era hora de ir embora", ela pensou. Foi para o caixa, pagou pelas suas compras e as sombras todas, fragmentadas, riam e cochichavam coisas. E ela só pensava: "por quanto tempo ainda".

Escrita não é jogo de mímica

Não se escreve esperando que o outro adivinhe o que você quis dizer. Se escreve dizendo. Sem pedir licença, sem cuidado e sem medo. Quem disse que se escreve assim? Como fazer? Apenas deixar-se levar pelos dedos no teclado, pela voz no microfone, pela linha do tempo.



# SERÁ QUE O BRASIL É LAICO MESMO?

Ana Beatriz Ferreira Nepomuceno (Trix)



**VIVEMOS** em uma sociedade adoecida. Em 2025, se naturalizou que deputados usem seus privilégios como forma de precarizar ainda mais um país em que mulheres não têm voz sobre seus próprios corpos. Motivados pelo ego e pelos prazeres fingidos por uma falsa ideia de moral cristã, usam suas religiões como defesa para justificar suas violências.

Nesta quarta-feira (5), durante as discussões sobre mudanças no Imposto de Renda na Câmara dos Deputados, 317 parlamentares decidiram que sua autoridade e atenção, nesse momento, deveriam se voltar a medidas que nos fazem retornar ao ano de 1600. Votaram a favor de propostas que restringem o acesso a um aborto seguro e acompanhado para crianças vítimas de estupro.

Com a absurda ideia de permitir que homens cristãos decidam sobre o direito das mulheres — e pior, das crianças — que sofreram violências inimagináveis, esses parlamentares agem sob a ilusão de que o “Deus deles” está à frente dessa missão “em prol da vida”. Uma vida que só existe quando lhes convém.

Se continuarmos dando liberdade a essas pessoas que dizem nos “representar”, será que, daqui a alguns anos, nós, mulheres, ainda teremos o direito de votar? Ainda poderemos ter conta em bancos? Ser mulheres em relacionamentos homossexuais também será considerado uma violação à vida?

Essas são perguntas que mais tememos responder, justamente por estarem cada vez mais próximas da nossa realidade.

Mais de 34 mil crianças e adolescentes vivem em união conjugal. Entre as que têm 10 a 14 anos, em 8 a cada 10 casos as meninas estão em relações não oficializadas. E a pergunta é: se isso é crime, onde estão esses deputados nesses casos?

Estão votando para que uma criança violentada por seu genitor, por um parente ou até mesmo na escola dê à luz, tudo para que possam





sustentar uma falsa realização de um sistema "pró-vida". Existem cerca de 9 mil crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil, segundo dados recentes. Onde estão os "defensores da vida" quando se trata de garantir o direito dessas crianças a ter infância, educação, saúde básica e um lar digno?

Até onde iremos parar se continuarmos deixando que pessoas, armadas com sua moral cristã, nos defendam de um lugar que sequer ocupam?

E digo mais: muitas dessas pessoas cometem as mesmas violências que condenam. Não existe "clima" entre um velho e uma criança!





EDUCAÇÃO QUILOMBOLA  
E SUAS CONFLUÊNCIAS:  
SABERES, TERRITÓRIOS  
E A FILOSOFIA  
DE NÊGO BISPO

Anelise Silveira Cardoso



A EDUCAÇÃO quilombola é um campo de resistência e afirmação identitária que se estrutura na defesa dos saberes ancestrais, das práticas comunitárias e do direito à diferença. Enraizada nos territórios onde se preservam memórias de luta, espiritualidade e modos próprios de viver, essa educação ultrapassa o espaço escolar e se manifesta como uma pedagogia da terra, da coletividade e da ancestralidade.

As comunidades quilombolas produzem conhecimento a partir de suas experiências históricas e culturais, valorizando o trabalho coletivo, a oralidade, a relação simbiótica com a natureza e a transmissão intergeracional dos saberes. Essa forma de educar parte de uma cosmovisão em que o território é também escola, arquivo e fonte de vida. Assim, a educação quilombola rompe com a lógica eurocêntrica e colonial de ensino, propondo uma aprendizagem situada, que reconhece o saber popular como legítimo e fundamental para a formação humana.

Nesse contexto, a contribuição do pensador e poeta quilombola Nêgo Bispo (Antônio Bispo dos Santos) é central para compreender as confluências entre educação, cultura e política. Em suas reflexões, Nêgo Bispo propõe o conceito de “contracolonização”, que se contrapõe ao projeto histórico de colonização e nega a imposição de um único modo de existir. A contracolonização, segundo ele, não é um movimento de vingança, mas de reexistência à afirmação da vida em seus múltiplos modos de ser, viver e saber. Para Nêgo Bispo, os quilombos são espaços de continuidade e invenção. Ele defende que “enquanto os colonizadores produzem coisas, os quilombolas reproduzem a vida”, indicando que a lógica comunitária quilombola se baseia na circularidade, na reciprocidade e na partilha. Essa perspectiva se alinha à ideia de uma educação do território, em que o aprender é inseparável do viver e do conviver.

As confluências da educação quilombola estão, portanto, em seu caráter integrador e plural. Ela dialoga com a educação popular, com os movimentos sociais e com as epistemologias negras e indígenas, produzindo pontes entre os saberes da tradição e as urgências contemporâneas.



as. Trata-se de uma pedagogia da resistência, que questiona o racismo estrutural e propõe novas formas de se pensar o currículo, a escola e o conhecimento a partir do chão da comunidade. A valorização da educação quilombola é também um ato político de enfrentamento ao epistemicídio – a destruição sistemática dos saberes não ocidentais. Ao reconhecer as vozes quilombolas, a escola se torna um espaço de diálogo e emancipação, capaz de formar sujeitos críticos, conscientes de sua história e comprometidos com a transformação social.





# O BONECO FEITO DE água

Esfinge



**FITANDO** os reflexos do passado, hoje me olho no espelho e não me reconheço. Não reconheço minha imagem, nem o ser tão maleável que sustenta máscaras com firmeza e medo. Enquanto o caos ao meu redor pingava lentamente, me pego no colo três vezes ao dia — só para manter o horizonte à vista.

A gente muda.

A gente se adapta.

A gente é o que precisa ser.

E, muitas vezes, sem querer ser.

Aceitamos papéis em peças de teatro antes mesmo do espetáculo começar.

E no ato final, a gente sorri, esboça felicidades e aceita.

A gente se encaixa em espaços que não são nossos, em histórias que nos escolhem.

E, sem perceber, passam segundos, minutos, horas, anos...

Quando me volto ao espelho, não sou mais o estranho do passado — sou um novo estranho no presente.

Almejado despertar e deixar o ventríloquo do caos partir.

Ninguém virá cortar as cordinhas.

Às vezes, é preciso sair da ilha e se encarar com a verdade que se julga, com a verdade que se enxerga — provar o gosto amargo das escolhas não feitas, das escolhas impostas pelo tempo, pelo ar, pelos momentos.

Sempre achei que a beirada fosse meu limite — até descobrir que sei ser oceanos.

Sei ser tranquilo, mas também sei ser um caos, devastador de beiradas, capaz de mudar repentinamente com o surgir da lua.

Sei ser muitas, e ao mesmo tempo seguir papéis, sustentar máscaras.

Mas hoje sei que também posso ser oceano — e poucos podem acessar.

Nadar é um dom que se aprende com o tempo.

E o tempo já passou, agora, os minutos que ficam, valem muito.





# SOBRE DORES E AMORES DE UM PAI PROFESSOR

Everton Ferreira Sales



**TRACO** aqui um relato pessoal, uma visão dos impactos da paternidade e da não paternidade (que nomeio covardia). Importante ressaltar que essa classificação de covardia não é o resultado de um juízo da vida alheia, nem tão pouco signifique, necessariamente, que aqueles que agem como pais sejam heróis merecedores de pedestais.

Me recordo que passada a comoção do escutar dos primeiros batimentos cardíacos de meu filho Eli, uma série de preocupações e obrigações se instalaram em minha mente, em meu jeito de ver e planejar minha vida dali por diante. Se antes eu vivia para o sucesso profissional, ser destaque nas empresas, ser reconhecido como exemplo, o "preto tipo A", passava a ser o pai do Eli. Antes da continuidade de minhas lutas, era imperativo garantir as melhores condições para o desenvolvimento pleno de meu filho. E é assim que sigo desde então.

Faço parte dos pais que não convivem cotidianamente com o filho. Ele mora com a mãe, e tenho plena consciência de que o meu máximo é proporcionalmente pouco perto da rotina que ela vive. Reconhecer isso não é uma grandeza de caráter, é validar a realidade.

E dói. Dói a saudade, dói saber que perdi detalhes, gestos e momentos que só o dia a dia pode produzir. Todavia, o abraço de saudade, o olhar de cumplicidade, o "Ah, pai, eu te amo!" são balsâmicos e trazem ao meu coração e mente a certeza de que ele tem tido o necessário para se desenvolver. O sorriso, a inteligência, as traquinagens, o time de futebol preferido, a cor predileta, o jeito de pegar a colher, a letra, os amigos e preferências são escolhas dele, a partir da condição que entendo ser a obrigação de todo pai lutar o quanto for necessário para disponibilizar aos seus filhos.

Nessa esteira, e do nosso ponto racial e ancestral, me dói muito mais ver filhos e filhas abandonados por seus pais. O quanto essa figura faz falta! Mães, me desculpem, vocês são essenciais – são irretocavelmente cruciais para os filhos, fato! Mas a figura paterna é de igual importância para as crianças e adolescentes. Tal qual não se "faz um filho" apenas com mulheres, a educação plena e efetiva demanda a figura do pai. (Todas as vênias aos modelos diversos familiares; mesmo esses demandam a cumplicidade dos genitores e/ou genitoras no desenvolvimento



das crianças.)

É doloroso ver cotidianamente estudantes sem autoestima, com dificuldade de se perceberem bons o suficiente, porque, se o pai afastou-se e não quis participar, quem quereria essas crianças?

Na minha condição de pai, me vejo cotidianamente instado a ser o melhor possível, e parece que ainda não sou suficientemente bom (não, aqui não é uma tentativa de ganhar sua empatia; é, de fato, minha visão de responsabilidade que um pai deve ter). Ver o desenvolvimento do Eli, vê-lo lendo, escrevendo, tornando-se autônomo em diversas atividades gera um medo, mas orgulho e amor são maiores.

Já na minha condição de professor e pesquisador na área da educação, leio nas estatísticas, nas realidades de sala de aula, o motivo de grande dor: o abandono parental gera não só dor, mas cria cenários de sofrimentos múltiplos em crianças e adolescentes, um ciclo vicioso que tem passado de geração em geração.

Meu convite de reflexão para esse Dia dos Pais?

Se você é pai, seja, esteja e aja como pai – cuide, dê segurança, dê carinho, dê condições, dê limites. Enfim, ame!

A dor dos medos, angústias e dúvidas da paternidade são uma gota d'água perto da intensidade e do poder do "Eu te amo, pai" e da felicidade de ver a evolução de um filho ou de uma filha. Portanto, tornemo-nos uma sociedade de pais presentes, pais de fato, não por reconhecimento ou vaidade, mas por entender que somos primordiais para o fortalecimento de uma sociedade íntegra, justa, respeitosa e diversa.

Seja pai.



NO BRASIL, PAÍS EM QUE  
UMA MULHER É MORTA  
A CADA 4 HORAS,  
AINDA HÁ DÚVIDAS  
DE QUE PRECISAMOS TER  
UMA MINISTRA NEGRA NO STF?

Gabriela Rabello de Lima



CARO SENHOR Presidente,

Escrevo-lhe essa carta aberta como um clamor de nossa nação à margem. Clamor de cada mulher que é assassinada nesse país e se torna estatística para os nossos índices de violência. Clamor de quem sobreviveu a esse índice e entende que se o Brasil ratificou a Convenção de Belém do Pará (1994), por que o tema de violência de gênero ainda é visto como problema doméstico e não endêmico de Direitos Humanos? Como tratar temas complexos e interseccionais, se as nossas representantes, que podem julgar decisões e pautas de relações complexas, encontram-se em uma escala de 1 para 10 neste Supremo Tribunal Federal? O que pensar sobre todas as mulheres que partiram antes que a tese de legítima defesa da honra fosse considerada inconstitucional, somente em 2023 neste país? Em que pé se encontram as propostas de políticas de Estado, se o nosso Estado não se encontra representado na última instância de poder judiciário?

Como o senhor quer que a gente acredite e siga torcendo, se nem o mínimo que pensamos por reparação histórica, que já poderia ter sido feito duas vezes, não foi cumprido para aumentar a representatividade nesta instância tão crucial a diferentes povos? Em um país com mais de 54% da população negra, não ter se quer uma representante de uma ministra dessa população é considerar que o nosso Brasil é um país de todos?

É triste pensar que o nosso povo, mais uma vez, pode ser usado como massa de manobra e, mesmo com as vozes do/as intelectuais, pesquisadore/as e influentes importantes de nossa época, o nosso clamor por basta e nos escute ainda não chegou nesta sua decisão. Terceira decisão! Pedimos mais uma vez que, por favor, o senhor nos escute.

Não conseguir respirar e ser ouvido/a nesse país já se tornou um rito.

Que neste próximo rito não nos decepcione mais uma vez. Já que a troca de seis por meia dúzia já não é mais o mínimo que esperamos. Por favor, pedimos que a decisão seja feita em nome de um futuro para toda/o/es,

Cordialmente,



# À AQUILOMBAGEM CRÍTICA COMO MÉTODO DE REEXISTÊNCIA

Isabella Vidal de Almeida

## NO TEXTO

Aquilombar, Verbo Intransitivo: Experimentações Dialogadas entre Clóvis Moura e Beatriz Nascimento em Aquilombagem Crítica, Rosimeire Barboza da Silva e Gersiney Santos dissertam sobre a Aquilombagem Crítica (AC), uma proposta de ação ontológico-epistemológica, baseada na perspectiva discursiva crítica do uso da linguagem e dos textos, com vistas a reforçar a contribuição do pensamento de autorias negras para a intelectualidade brasileira (e até internacional). Importante salientar que o texto analisado faz uso da AC na escolha de termos linguísticos ao decorrer da obra. É por meio da AC que Rosimeire Barboza da Silva e Gersiney Santos deram mais um passo no projeto de restauração ontológica afrodescendente: a (re)conexão voltada à reexistência (Souza 2009).

Os autores levam em consideração a polissemia de quilombo, pois, pode ser traduzido em formas igualmente múltiplas de ser e estar em locais (geográficos ou não) constituintes do mundo social. Devido a isso, os autores preferiram o termo reexistências – conceito defendido por Ana Lúcia Silva Sousa (2009; 2011). Estes processos (de reexistência) ocorrem tanto no plano simbólico (de revitalização das estratégias ancestrais de resistência) quanto no plano material de contestação do projeto antinegro ou antinegitude (Pinho & Vargas 2016), cerne da formação social brasileira (Moura 1959; 1994; 2001; Nascimento 1985; Souza 2017).

Mais do que nunca, a intelectualidade negra brasileira vem pensando e trabalhando em interpretações robustas sobre a sociedade no País. Negras e negros, nas mais diferentes instituições e espaços de luta política, têm apontado como funciona o alijamento do saber afrodescendente das genealogias que oficializam o que é ou não relevante – assim como quem deve ter ou não a consideração e a legitimação para falar e teorizar acerca das complexidades sócio-históricas nacionais. Dessa forma, segue-se de grande importância salientar que intelectuais negros e negras sempre existiram, apesar dos processos de silenciamento e inviabilização que cercam a produção intelectual de pessoas negras. Em adição, os autores percebem que as denúncias sobre as tentativas de apagamento de modos não colonizados de conhecimento encontram maior ressonância quando potencializadas por nomes críticos ao sistema de privilégios da

branquitude (Cardoso 2010; 2014; Bento 2002), mas inconformados ante o desperdício do potencial que possui a experiência (Santos 2002).

Esse desperdício mencionado configura-se como epistemicídio. Segundo Silva e Pinho (2018), o epistemicídio é um mecanismo de apagamento epistemológico de povos secularmente oprimidos que corrobora com o cenário de marginalização social que perpetua até a atualidade, interferindo, dessa forma, na visão de identidade da população afro-brasileira, colocando o negro na posição de Outro-inferior e que “o impele à profecia auto-realizadora que referenda os termos da estigmatização ou o conduz à autonegação ou adesão e submissão aos valores da cultura dominante” (Carneiro, 2005, p. 277). No artigo, os autores ilustram maneiras epistemológicas de resgate de ontologias coletivas ancestrais, necessárias para projetos consistentes de retomada de narrativas pavimentadas em estratégias de intervenção. A reflexão foi dividida em seis seções que perpassam a apresentação das figuras de Clóvis Moura e Beatriz Nascimento em suas concepções sobre a noção de quilombo mais a inter-relação de seus construtos epistemológicos com a proposta transformacional da AC. Na primeira seção, os autores ofereceram um panorama parcial sobre o percurso intelectual de Clóvis Moura. Na segunda, voltaram-se à contribuição específica aos estudos dos quilombos e à perspectiva de Clóvis Moura cunhada como ‘quilombagem’. Na terceira seção apresentaram Beatriz Nascimento em seu esforço ontológico e epistemológico referentes à busca da amplitude do conceito de quilombo.

Na quarta seção, são resgatados alguns dos debates que a pesquisadora empreendeu para situar historicamente a organização social quilombola. Na quinta parte, apresentaram uma experimentação dialogada entre o que poderia ser uma aproximação pertinente às concepções de quilombagem e quilombo localizadas na perspectiva da Aquilombagem Crítica (Santos 2019). Na sexta e última seção apresentaram estratégias conceituais promovidas no escopo da Aquilombagem

Crítica voltadas à intervenção protagonista de Moura e Nascimento.





# A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE E OS IMPACTOS SOFRIDOS AO LONGO DA VIDA

Jade Reis

**POR MUITO** tempo, a falta de representatividade foi a realidade de vários grupos sociais, principalmente da população negra. A falta do sentimento de pertencimento começa a se evidenciar na infância e pode ser percebida em diversas situações do cotidiano, desde a escassez de bonecas negras em uma loja de brinquedos, até a falta de profissionais em cargos de liderança. Estamos falando de uma fase da vida em que se espelhar em alguém que admiramos, faz parte do nosso crescimento. Seja um artista, um atleta, um personagem ou até mesmo alguém da nossa convivência. O fato é que sempre estamos buscando referências e inspirações.

A importância da representatividade negra na mídia

A representatividade negra na mídia não pode ser limitada apenas a estereótipos criados a partir do ponto de vista da população branca. Um exemplo, são os atores negros, que constantemente são escalados para interpretar apenas personagens que transmitem imagens marginalizadas, sexualizadas ou caricatas, sendo quase sempre ignorados das tramas centrais. Recentemente, foi lançado nos cinemas o Live Action de "A Pequena Sereia" – um clássico infantil, estrelado pela atriz Halle Bailey. Apesar de ter sido um sucesso e um símbolo de representatividade entre as crianças, a obra atraiu milhares de comentários racistas e repletos de ódio. O mesmo está acontecendo com a nova versão de Romeu e Julieta [iv]. Isso se deve ao fato de que tentativas de mudança desses cenários racistas acabam sendo vistas como ameaças aos espaços comumente ocupados por pessoas brancas ao longo da história, espaços esses que nos foram roubados.

Acesso à educação

Quantas professoras e professores negros passaram pela sua vida acadêmica? Provavelmente a sua resposta não se aproxima do número que você gostaria. Esse cenário impacta diretamente na forma como instituições lidam com a educação antirracista nas escolas, ou melhor, em como a ignoram. A criação de cotas raciais serve como uma forma de mudar esse cenário, mas sabemos que o processo é longo, afinal grande parte da população negra vive em condições tão precárias, que precisam dedicar grande parte do dia para se preocupar com necessidades urgen-



tes, como se alimentar, ter uma moradia e principalmente em sobreviver, tendo muitas vezes que deixar a educação em segundo plano.

#### Representatividade negra no mercado de trabalho

Ainda é baixo o número de profissionais negros em cargos de liderança. Segundo dados do PNAD, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas 2,6% de homens negros conseguem chegar em cargos de liderança, diminuindo o percentual para mulheres negras, correspondendo a 2,4%. Esses valores, chegam a ser três vezes mais baixos, se comparada a oportunidades de pessoas brancas, o que refletirá como impacto, não somente para a pessoa, mas também para futuras gerações. Você provavelmente já deve ter entrado em um shopping e se distraído enquanto observava quantas pessoas estavam naquele ambiente trabalhando e quantas estavam se divertindo. Ou também ter entrado em um ambiente, em que caso você seja uma pessoa negra, era uma das poucas representantes naquele local.

Tal observação, de forma alguma tem como intuito desmerecer ou desqualificar qualquer profissão exercida, mas sim traçar um paralelo entre as oportunidades que nos são negadas e em como isso reflete na falta de lazer e de tempo para se dedicar à projetos de desenvolvimento pessoal e profissional.

O impacto negativo da falta de representatividade percorre o processo de amadurecimento e muitas vezes resulta em consequências como insegurança, baixa autoestima, sentimento de incapacidade e vários outros. Um trauma na vida adulta quase sempre está relacionado com questões da infância, se você fizer uma breve visita ao seu passado, provavelmente poderá entender.

#### Transformação

Podemos dizer que avançamos muito ao longo dos anos, mas ainda é pouco perto do que nos foi tirado. Ativistas, projetos e organizações voltadas para a diversidade e inclusão são alguns agentes transformadores dessa realidade que nunca nos coube. Organizações como o LetraPreta se comprometem em participar efetivamente do processo de transformação, com o propósito que não poderia ser diferente: lutar para que as próximas gerações se sintam representadas, acolhidas e capazes, assim como nossos antepassados lutaram por nós.



# HOMEM COM H

Ladylene Aparecida



## PARA AS GERAÇÕES

que cresceram, ainda crianças e adolescentes, ouvindo e assistindo às performances de Ney Matogrosso, ele já faz parte da nossa história e está enraizado em nossa alma. "Ney é o Ney!"

Para muitos dessa época, o artista sempre foi um símbolo de arte, cultura e resistência.

Em plena ditadura militar, época em que a masculinidade rígida e a defesa de tradições opressoras eram consideradas qualidades, o jovem Ney seguia na contramão de tudo isso. Sua alma artística, carisma e sensibilidade falavam mais alto, e seu "Sangue Latino" o levou por esse caminho — com muito orgulho — mesmo que isso o colocasse em confronto com as convicções de sua própria família.

E assim nasceu um dos maiores artistas da nossa geração<sup>1</sup>...

Mas a história de hoje é sobre um jovem nascido e criado nos re-dutos de Salvador — no coração que tentaram colonizar, mas que, com paixão e o sonho de liberdade, agora tem sua voz ouvida pelo mundo.

No Brasil nasceu a resistência, a cultura múltipla, multicultural... So-mos mil vozes em uma só, mostrando não apenas nossa força, mas a fé de que podemos ser quem quisermos, onde quisermos – com todas as ressalvas e obstáculos que sabemos.

Naquela manhã, de mar batendo contra as rochas, Yago Savalla se preparava para mais um dia de atividade extracurricular — uma apresentação para conseguir aqueles pontos extras na escola (quem nunca?). O que ele não esperava era o quanto estava predestinado a carregar o cora-ção, a paixão e a resistência de uma geração que veio antes dele — uma geração que lutou para que a sua pudesse se expressar, ser admirada e não criticada, nos fazendo refletir sobre onde está a nossa força, nossa fé, nossa paixão por nossa amada LIBERDADE.

Com sua coreografia própria e marcante, sensível o suficiente para arrepiar até os últimos pelos da nuca, ele fez com que até os olhos mais secos se alagassem em lágrimas – e o coração batesse no ritmo da músi-ca, no ritmo da sua performance.

Todavia, esse jovem não veio apenas reacender a chama das ge-rações passadas – ele também despertou a paixão nos corações mais

<sup>1</sup> Para saber mais sobre a trajetória desse artista incrível, basta assistir à cinebiografia dispo-nível neste link: <https://www.netflix.com/br/title/81754156>

jovens, mostrando que a alienação pode sim ser nocauteada, que nossa cultura pode ser celebrada de todas as formas e pode ser reescrita sem perder sua essência.

Com isso, convido todos que, como eu, cresceram ouvindo Ney Matogrosso, Elza Soares, Renato Russo, Cazuzza e tantos outros que enfrentaram os dogmas da repressão, a fazerem com que nossas vozes sejam ouvidas.

Gritemos, então, até que não haja mais ar em nossos pulmões, e levemos nossos filhos e jovens a gritarem junto, em uma única voz:

SOMOS RESISTÊNCIA. SOMOS MUITOS. SOMOS UMA LEGIÃO. SOMOS MOLHADOS E SECOS.





# NÃO SERÁ UM TEXTO SOBRE AMIZADE

Lucas Garcia Gomes



**MANTER** laços de amizade no século XXI é um grande desafio.

Tornamo-nos adultos cercados de metas a serem batidas, corridas individuais em que as chegadas nunca chegam e prioridades invertidas. Não estou vendo a chegada daqui.

Um relatório para entregar, uma matéria atrasada nos cursos em que nos inscrevemos. O silêncio se torna incômodo, e estamos sempre ocupando o tempo com alguma tarefa.

A beleza da hiperprodutividade esconde uma rachadura na obra de arte.

Gosto de refletir sobre preços e valores: o preço do quanto está custando, o valor da importância em minha biografia — para essa trajetória que construímos e ainda construiremos.

Preço de vida?

Buscando a paz com o ócio, me deparo com a ideia conflitante de ser produtivo e, ao mesmo tempo, de não entregar o que preciso nos prazos que eu mesmo me imponho. As pazes estão em xeque.

Tenho lutado, como sempre, e perdido no fim para a ideia de ser menos — de que o tempo investido nos grãos de areia que caem não tem relação alguma com a produtividade.

A beleza do que eu preciso fazer versus a beleza do que eu quero fazer.

Uma frase que negocia com meu ego, quando me reverto a um ser contemplativo e pensante: “Kant diz que ser livre é fazer o que não se quer”.

É priorizar a razão e o dever em detrimento dos desejos imediatos. Perdi novamente.

Desculpe, Kant. No espaço que criei, um texto sobre amizade foi o que planejei, mas, no fim, entrego um diálogo interno. Segui meus desejos imediatos, apenas deixando as teclas me guiarem. Certo de que, do tempo que perpassou, fui produtivo.

Venci?





# MEDO OU RESPEITO: à DELICADEZA DE CRIAR UM FILHO

Lucas Garcia Gomes



**criar** uma criança é olhar para alguém pequeno e perceber que cada gesto, cada palavra, cada ação carrega um mundo de significado. E, muitas vezes, nosso primeiro instinto é perder o controle. É humano. É fácil reagir com dureza, com punição, como castigo — porque exige menos reflexão, menos maturidade. Mas é nesse instante que precisamos respirar fundo e lembrar: estamos lidando com um ser em construção, que nos observa, que aprende com nossos gestos tanto quanto com nossas palavras.

A pergunta que fica é simples e profunda: nosso filho nos escuta por medo ou por respeito? O medo gera obediência, mas não gera conexão. O respeito se constrói com paciência, presença e consistência. Ele nasce quando conseguimos colocar limites sem quebrar vínculos, quando conseguimos guiar sem ferir, quando conseguimos errar e pedir desculpas, mostrando que o aprendizado vale para todos.

O castigo, qualquer que seja, ensina de verdade apenas se houver compreensão. Se precisarmos repetir a mesma correção várias vezes, talvez seja hora de refletir sobre nossa postura. Educação não é sobre punição; é sobre caminhar junto. É sobre mostrar que o respeito não é imposto, é conquistado a cada dia, em cada gesto, em cada conversa silenciosa que temos com nossos filhos.

E, no fundo, educar é também se olhar no espelho. Erramos, esquecemos, repetimos velhos instintos, e tudo bem. O que importa é reconhecer, tentar de novo, ser melhor amanhã do que fomos hoje. Porque criar um filho é, acima de tudo, aprender a ser humano — e é nesse aprendizado mútuo que nasce o respeito verdadeiro, que transforma a relação e deixa marcas profundas na vida de quem amamos.



# QUANDO O ESTIGMA SE TRANSFORMA EM VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Mauricio Silveira Cardoso<sup>2</sup>



**DURANTE** a jornada acadêmica, minha presença como um dos poucos estudantes negros em um mar de rostos majoritariamente brancos na universidade não era apenas notável, mas também profundamente isoladora. Em salas onde a negritude era minimamente representada, éramos, na melhor das hipóteses, três ou quatro em uma turma de trinta. Este cenário se estendia ao corpo docente, onde, em um departamento com cerca de trinta professores, apenas um era negro. Tal desequilíbrio não apenas refletia a desigualdade sistêmica da sociedade, mas também reforçava a sensação de alienação e questionamento: “Este lugar é realmente para mim?”

Essa alienação era exacerbada por um sistema que privilegiava estudantes — predominantemente brancos e de classes mais altas — com melhores desempenhos acadêmicos em processos seletivos para bolsas de iniciação científica e programas de intercâmbio, baseados em critérios que, superficialmente imparciais, ignoravam as complexidades das desigualdades raciais e socioeconômicas.

A luta para equilibrar trabalho e estudo, uma realidade para muitos estudantes cotistas negros, encontrou um obstáculo significativo quando uma avaliação exigiu a participação em eventos acadêmicos programados fora do horário da disciplina cursada conflitando com minha atividade laboral, resultando em minha reprovação na disciplina. A negativa do professor em oferecer uma oportunidade de recuperação, alegando desleixo da minha parte, e a subsequente falha dos órgãos administrativos da universidade em mediar o caso, revelaram uma insensibilidade alarmante às necessidades dos estudantes trabalhadores e cotistas.

A situação deteriorou ainda mais durante o regime remoto imposto pela pandemia de COVID-19. Atrasado para uma aula online devido a uma emergência familiar relacionada à COVID-19, fui recebido com agressões verbais pelo mesmo professor, que me acusou de negligência acadêmica e proferiu palavras que até hoje me deixaram marcas. A falta de compreensão e a hostilidade aberta exacerbaram minha ansiedade e depressão, culminando na minha decisão de abandonar o curso. Essa situação se estendeu durante cerca de dois anos e que mesmo com o suporte psiquiátrico e psicológico, questionei-me em desistir, faltando apenas um curso



para a minha diplomação. Lembro-me de questionar: e meus colegas que não podem arcar com esse suporte?

Durante o primeiro ocorrido com esse docente, recorri ao setor de ações afirmativas da instituição. Todavia, mesmo com o setor com status de pró-reitoria, a palavra do professor, que era chefe de departamento e foi orientador de atuais servidoras e professoras novas dessa escola me proibiram de seguir um fluxo normal. A intervenção de professores negros, pessoas brancas aliadas e outros servidores conscientes das causas socio-raciais, reconhecendo assim a injustiça da minha situação, mediaram uma solução com a administração superior, em que este foi um momento decisivo. A empatia e compreensão da minha experiência como estudante negro na universidade foram fundamentais para reverter uma decisão previamente inflexível, permitindo-me concluir o curso com dignidade.



# O QUE FICA QUANDO TUDO PASSA?

Milena Gabriele Carvalho dos Santos



**FIQUEI** me questionando durante esta semana, na verdade, em muitos desses dias. Pensando, refletindo em como as notícias, as opiniões e os acontecimentos nos atravessam de infinitas formas...

A dor do outro sempre me incomodou e me fez me movimentar em diferentes fases da minha vida. Principalmente por querer ajudar de alguma forma, e tentar mesmo que na maior parte das vezes com apenas 1% para fazer a diferença.

Acredito que dar nome às coisas fazem com que possamos identificar situações de vulnerabilidades, gerar debates funcionais e principalmente buscar soluções através de políticas públicas. Mas mesmo identificando tudo isso como identificamos a necropolítica e o racismo, muitas dessas dores nos atravessaram mais uma vez nessa semana.

É uma dor de impotência, fragilidade...

E quando mais uma vez, me pergunto, ou melhor nos perguntou:

O que fica quando toda essa violência passa?

Esse texto não é pra todo mundo, ele vem sem muitas explicações bonitas, repletas de estatísticas ou significados de termos, mas com muita força e resistência.

É acreditar que a educação é a base de tudo.

É a Força para continuarmos acreditando, lutando para que a população que reside nas favelas seja vista, para que a população negra tenha seus direitos respeitados.

É a voz da resistência que se recusa a ser silenciada pela violência sejam elas quais forem.



Justiça social se constrói com políticas, com planejamento, com educação, e não com violência.

E o que fica mesmo quando tudo passa, somos nós, a população, o povo negro, a nossa cultura, a ancestralidade e a vontade de mudar mesmo que tenha sido respingado o sangue mais uma vez dos nossos (de todos os lados).

A violência tenta desumanizar e apagar, mas a cultura, a ancestralidade e a coesão do povo são o fundamento que a agressão não consegue destruir. É a prova de que a vida, a história e o valor continuam.

O que fica é a estratégia. Não é apenas a emoção que permanece, mas a convicção racional de que as ferramentas para a mudança são a educação e a política, o oposto exato da violência que se tenta combater.

Reconhecer a necropolítica, o racismo, é reconhecer que os direitos não são iguais para todos, é ter a necessidade de falar sobre, é usar a comunicação, as nossas redes, e nos mantermos juntos.

O que fica é a conexão. A comunicação e o estar junto são a trincheira de resistência, garantindo que a violência não se torne silêncio e que a dor seja transformada em pauta e ação coletiva.

O que fica mais uma vez é a essência inquebrável de um povo e a determinação daqueles que lutam por justiça.





# QUANDO NADA É SEGURO, TUDO É POSSÍVEL!

Mychelle Dantas Alves



**“QUANDO** nada é seguro, tudo é possível! Tava aqui pensando nisso. Quando tu vive desde a infância na completa insegurança, alimentar, de moradia, se realmente te amam, por que a qualquer momento podem te abandonar (e fizeram), tu meio que se habitua.

Isso pode te levar a algumas reações. A minha é simplesmente continuar. Parece uma fé inabalável, um Jogo do Contente ingênuo de Pollyanna, mas é muito pelo contrário.

Noutro dia uma amiga me disse que se tivesse no meu lugar quando perdi novamente “o chão”, tinha pirado. Eu não tenho esse espaço. E fico boba quando quem pode, sei lá, tem pra onde voltar, casa, carro, família, concurso, se permite desesperar.

Igual quando ouço sei lá o que é positividade tóxica, meu bem ou é isso ou desviver. Então igual remédio pra doente crônico, é mantra afirmação reza salmo incenso e oração querendo ou não.

Eu amo como a lógica, a racionalidade, se alinham no suposto sobrenatural. Vai tocando a música de fundo, vai rolando a playlist milagrosa, o resto é com o cérebro, o milagre vem.

Mas daí não pode ser teimosa. Tem gente que pode, eu sei. Vai brotar colo de algum canto.

“O que arde cura o que aperta segura!” Ouvia da mãe que ouvia da tia. E sigo com meus merthiolate que não mais arde. Então troco por água de coco, couve, fígado, pra equilibrar, x1x1 de Sereia, sacolé, e umas Mimosas pra relaxar.”



VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES :  
ENQUANTO ESTIVERMOS  
NAS ESTATÍSTICAS,  
HAVERÁ LUTA!

Nathalia Ferreira<sup>3</sup>



**NOVEMBRO** foi marcado pela campanha 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra mulheres. Até quando vamos precisar gritar “Nos salvem!”? Discutir incessantemente pela nossa segurança ou liberdade me lembra o quanto a sociedade falta avançar e sinceramente me pergunto se um dia vai, já que a violência contra mulheres, sobretudo negras, continua fazendo parte da realidade entre muitas de nós.

Em 2017 assisti a uma apresentação de slam da Tawane Theodoro em que a poeta recitava: “Em pleno século 21, feminismo não deveria nem existir... É que mulheres não deveriam resistir tanto assim... Você acha que feminismo é exagero? Feminismo é desespero...”.

Cinco anos se passaram, mas esse texto é tão atual quanto os dados dos últimos 12 meses, que mostram que 3,7 milhões de mulheres sofreram violência doméstica e que os casos de feminicídio aumentaram 176%, sendo que, só em 2024, 63,6% eram mulheres negras. Como se esses números não fossem alarmantes o suficiente, mulheres negras correm um risco 1,7 maior de serem assassinadas, pelo simples fato de serem quem são. A última terça-feira (25) foi marcada pelo Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, da Organização das Nações Unidas (ONU), e Brasília foi tomada pela Marcha das Mulheres Negras, que reuniu mais de 300 mil pessoas pedindo reparação histórica, o fim da violência e, se eu pudesse resumir, diria: “dignidade e respeito”.

Nós, mulheres negras, precisamos ser fortes, por nós mesmas e por aqueles que dependem da gente. Tudo é mais difícil e ainda somos mais vulneráveis em termos de violência. Isso é tão triste, ainda mais porque, mesmo existindo leis que deveriam nos proteger, milhares de homens nos agredem e saem pela porta da frente das delegacias, enquanto o que sobrou de nós fica desamparadas, humilhadas e psicologicamente instável, tentando recomeçar, sem deixar de pensar que eles vão fazer isso com outras... Por isso, saímos e lutamos pela segurança das nossas e, quando ouvimos histórias de mulheres que sofrem ou sofreram qualquer tipo de violência, é nosso dever como movimento ajudar. Mesmo que pareça



uma luta em vão, cada mulher, sobretudo negra, que se torna sobrevivente é motivo de comemorar por uma batalha vencida, mesmo que a guerra seja muito maior que nós, e sabemos disso. Por isso que, enquanto formos estatística, haverá luta!





# BIOÉTICA E CONCEITOS DE SAÚDE/DOENÇA: A MITOLOGIA CONTIDA NOS ITANS DE EXU E OMOLU NUM CONCEITO DECOLONIAL

Rafaele Cristine Barcelos Ribeiro

## À DECOLONIALIDADE

nos convida a libertar o pensamento das lógicas coloniais, eurocentradas e hegemônicas que impuseram valores ocidentalizados, europeus e brancos como universais. No campo da saúde, torna-se necessário questionar a hegemonia do modelo biomédico moderno como única forma legítima de cura, de tratamento, ou, com notas de utopia, de se alcançar o que chamamos de “saúde”, enquanto estado humano.

Sustentada por um paradigma racionalista, mecanicista e universalista, a biomedicina moderna dita e interfere, desde a sua consolidação enquanto hegemônica, em todos os processos e tomadas de decisão em saúde no mundo ocidental e nos ocidentalizados. Nela, no lugar da totalidade do ser, o que está em foco é o corpo, entendido como uma máquina, passível de fragmentação para ser compreendido e regulado. Com total influência dos contextos histórico, social, político e cultural que sustentam essa visão, a doença é compreendida como um mal funcionamento das engrenagens biológicas, um defeito interno. A cura, por sua vez, é entendida como o resultado de uma intervenção técnica e especializada conduzida por um profissional que domina o padrão da doença e seus protocolos de tratamento previamente estabelecidos.

Esse modelo se apresenta como científico, neutro e objetivo, mas expressa e sustenta uma visão de mundo que separa corpo, mente e ambiente, desconsiderando a totalidade do ser e apagando dimensões sociais, culturais, emocionais, espirituais e também processuais do adoecimento. Sendo assim, acaba por produzir uma compreensão fragmentada e insuficiente da saúde, que privilegia o sintoma em detrimento da experiência, o tratamento protocolar em lugar do cuidado e a técnica acima do encontro e da escuta. Ao isolar a pessoa da totalidade que a compõe, o modelo biomédico reduz o sujeito a objeto de intervenção, convertendo o cuidado em procedimento e a existência em dado clínico evidenciando um esgotamento ético e epistemológico diante da complexidade dos modos de adoecer e de viver.

Considerando os limites e lacunas da conceituação hegemônica em saúde, a disciplina “Bioética e conceitos de Saúde/doença: a mitologia contida nos Itans de Exu e Omolu num conceito decolonial”, dentro do programa de mestrado em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva da PPGBIOS, nos trouxe o contato com uma perspectiva de mundo cuja lógica difere significativamente da ocidental. Ela nos convidou a conhecer, interpretar e compreender os itans de Exu e Omolu valorizando saberes ancestrais, populares e espirituais, não apenas como formas legítimas de cuidado, mas como modos eficazes e potentes de promover e conceituar saúde e, também reconstruir relações entre corpo, comunidade e natureza. (aposta nesse modelo numa alternativa ao hegemônico)

Convidar tal cosmo-perspectiva para o ambiente acadêmico em saúde, nos possibilita lançar luz à insuficiência do modelo dominante, colocar em comparação (e, portanto, em questão) e tensionar uma série de paradigmas já comentados anteriormente. Ao fazer isso, podemos entender que saúde é também território, ancestralidade, espiritualidade, corpo e coletividade, não apenas ausência de doença, mas sem parar por aí. Porque não é suficiente dizer que se trata do negativo da doença, é preciso apontar um caminho, não necessariamente uma definição. E, neste caminho, orgânico e processual, saúde é também, ou, principalmente, movimento e dança.

Nas religiões de matriz africana, como o Candomblé, Umbanda, Batuque, entre outras, o corpo e o espírito são indissociáveis, bem como o que se chama de mente. Saúde e doença são compreendidos em dimensões física, espiritual e social, relacionadas ao equilíbrio com os orixás, com o axé, com o ambiente e com a comunidade.

Compreender Exu em seus itans e, ao mesmo tempo, realizar um movimento de associar essa análise às discussões acerca de saúde e doença encaminhou uma reflexão sobre como Exu acaba sendo visto como uma espiritualidade “ruim”, com influência de uma visão cristã, mesmo entre pessoas adeptas das religiões afro-diaspóricas. Os itans de Exu revelam que, muitas vezes, o que é percebido como oportunismo, maldade





ou arrogância corresponde, na verdade, a uma busca por realizações pessoais profundamente conectadas com o estabelecimento de um bem-estar mental. Exu ensina também sobre a importância da obediência, da disciplina e da fé. Em várias passagens, ao respeitar o sagrado dentro de um processo hierarquizado, ele alcança o que poderíamos chamar de qualidade de vida.

Nesse contexto, os itans dos Orixás dentro da comunidade do candomblé são vividos todos os dias, em toda ritualística, através da obediência que se deve ao sagrado e, por consequência, à hierarquia representada pelo “pai/mãe de santo”. A obediência e o sacrifício são caminhos que nos levam ao bem estar, tanto na esfera individual quanto na coletiva.

Omolu é popularmente conhecido como o Orixá da doença, da varíola, aquele que deve ser temido porque traz a morte. Porém na nossa concepção Omolu mais uma vez nos convida a repensar disciplina e obediência, sobretudo na esfera da humildade.

Em uma leitura decolonial, Omulu mostra que doença e deficiência não são castigos divinos, e não apenas convida, como convoca a comunidade à inclusão. Em diversos momentos o simples ato de excluir Omulu, não em um contexto de corponormatividade, mas de simples desconhecimento, trouxe consequências negativas para toda a comunidade. Logo, fica claro que o conceito social de deficiência, que a entende como uma construção resultante da interação limitadora imposta pela sociedade a indivíduos com determinadas características, se sobrepõe ao modelo biomédico ao ampliar a compreensão sobre o tema, evidenciando que o físico também não se separa do social nem da espiritualidade.

Outra questão relevante presente nos itans de Omolu, ainda que não diretamente abordada na disciplina, é o lugar da mulher na sociedade afro-diaspórica. O sexismo não é um sistema exclusivo do eurocentrismo, também esteve presente em África. Entretanto, a mitologia nos mostra que a mulher narrada nas cosmologias africanas ocupa um lugar que não é de submissão.



Quando, em um Itan, Nanã “abandona” Omolu, é trazido para a cena a possibilidade, e, por que não a necessidade, de pensar que o amor materno não é soberano e que esse amor pode se manifestar de outras formas, como no caso, abrindo mão da sua maternidade para alguém que de fato deseje ocupar esse lugar e que o faria de uma melhor maneira.

Um corpo saudável é aquele que está em harmonia com seu ori, com a natureza e com sua ancestralidade. A doença pode ser compreendida como um desequilíbrio espiritual que se cura com banhos, rezas, ervas, oferendas e rituais capazes de restabelecer essa energia vital; ou, em certos casos, simplesmente com obediência e fé.

Essa outra maneira de pensar, sustentada por uma outra “cosmo-percepção” tensiona e questiona a hierarquia que toma a medicina ocidental como “ciência” e as práticas afro-brasileiras como “crendices”. Ao reconhecer o saber das religiões de matriz africana como conhecimento válido, restituem-se dignidade e legitimidade a corpos e culturas historicamente marginalizadas.

Nos terreiros, cuidar é ato político, comunitário e natural. A cura envolve o cuidado ao bem-estar coletivo, o acolhimento, a partilha de alimentos, o respeito aos ciclos naturais e o cuidado com o outro. Isso vai contra a lógica individualista e fragmentada do sistema biomédico.

A caminhada no sentido a uma outro modo de vida, virtuoso, possibilita a construção de uma outra conceituação de saúde e doença. Esse movimento implica deslocar os olhares e chamar outras perspectivas de mundo para compor o campo do cuidado. Ao reconhecer nos Itans de Exu e Omolu caminhos de compreensão sobre o equilíbrio, a disciplina e a humildade, abre-se a possibilidade de reconstruir sentidos para a saúde que não se restrinjam à ausência de doença, mas que a compreendam como expressão da vida em movimento.

Os saberes das religiões de matriz africana, ao articularem corpo, espírito, comunidade e natureza, propõem uma ética virtuosa e uma

epistemologia do cuidado fundada na coletividade, na ancestralidade e na reciprocidade. Essa cosmo-perspectiva desloca hierarquias e convoca a academia a um exercício de escuta e diálogo com outras formas de conhecimento, reconhecendo nelas não o exótico ou o místico, mas o científico em outra linguagem.

Assim, questionando e tensionando os limites da racionalidade moderna e convidando a multiplicidade de modos de cuidado à saúde, as perspectivas não-colonizadas nos convidam a reencantar a própria ideia de saúde. Não mais um estado fixo a ser alcançado, mas um processo vivo, em movimento e em constante relação.





# QUANDO A LEI NÃO BASTA.

Rayssa Novaes da Silva

**NO BRASIL**, até pouco tempo atrás, era permitido que meninas e meninos com menos de 16 anos se casassem em situações "excepcionais", como gravidez ou para evitar punições penais. Em 2019, a Lei 13.811 finalmente proibiu o casamento infantil em qualquer circunstância. Um passo importante, sem dúvida. Mas, diante de tudo o que ainda se vive na realidade de tantas crianças e adolescentes, é impossível não pensar: será que basta uma lei?

Casar cedo nunca foi sobre amor ou maturidade. Foi, e continua sendo, em muitos casos, sobre desigualdade, vulnerabilidade e a ausência de escolhas reais. Quando a infância é interrompida, o que se perde não é apenas o direito de brincar, mas a possibilidade de sonhar com um futuro próprio. A escola, o corpo, o tempo, tudo é acelerado à força, e o resultado é uma vida que começa adulta antes de estar pronta para ser vivida.

A proibição legal veio tarde, mas ainda veio acompanhada de um silêncio social que persiste. Em comunidades vulneráveis, casamentos informais continuam acontecendo, disfarçados de "uniões consentidas" ou "tradições familiares". E é aí que mora o perigo: quando a cultura normaliza o que a lei proíbe, o ciclo de abuso se mantém, só que agora mais escondido. Soma-se a esta realidade a movimentação legislativa mais recente, como o PDL 3/2025, que busca sustar diretrizes fundamentais para o atendimento humanizado de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Essa articulação legislativa deixa claro que não basta proibir: é preciso garantir atendimento, acolhimento, estrutura, ou de novo, a proteção fica apenas no papel. E não dá pra ignorar que o peso dessa realidade recai, sobretudo, sobre meninas negras. São elas as mais afetadas pela pobreza, pelo racismo estrutural e pela naturalização da adultização precoce. Em muitas narrativas sociais, a infância negra é abreviada. Meninas tratadas como mulheres antes do tempo, meninos vistos como adultos em corpos ainda em formação. A desigualdade de gênero, somada ao recorte racial, torna o casamento infantil não apenas uma violação de direitos, mas também um reflexo cruel do racismo que ainda estrutura o país.

Falar sobre casamento infantil e sobre o risco de retrocesso nas políticas de proteção à infância é falar sobre infância roubada, sobre desigualdade, sobre cor, sobre corpos que a sociedade insiste em amadurecer antes da hora. É falar sobre o tipo de país que ainda precisa de uma lei para dizer o óbvio: criança não casa. Criança vive, cresce, aprende, erra, descobre... Se a lei mudou, mas a mentalidade não, e se as diretrizes de atendimento são colocadas em risco, o que de fato mudou?





BEATRIZ NASCIMENTO: PRESENTE!  
SOMOS ATLÂNTICAS,  
SOMOS NGOLA DJANGA

Silene Felix da Silva

**NASCIDA** em Aracaju, em 12 de julho de 1942, Beatriz Nascimento foi uma mulher negra, nordestina, quilombola urbana contemporânea, historiadora, pesquisadora, roteirista, poeta e ativista. Com uma trajetória marcada pelo compromisso com a valorização da história do povo negro e dos saberes afro-diaspóricos; Beatriz dedicou sua vida a contar e reconstruir a memória do (a) negro(a) brasileiro(a) como protagonista de sua própria existência e resistência.

No último dia 10 de julho, o Sesc Pompeia recebeu um evento marcante para a memória negra brasileira: o lançamento da obra “Eu Sou Atlântica – Lugares e Rotas de Beatriz Nascimento,” escrita pelo magnífico doutor em Antropologia Alex Ratts, que esteve presente no local. A abertura contou com presenças potentes; a escritora Conceição Evaristo, que falou sobre o legado e a importância de Beatriz e fez uma linda homenagem ao declamar o poema que lhe dedicou: “A Noite Não Adormece nos Olhos das Mulheres”. A filha de Beatriz, Bethânia Nascimento Freitas Gomes, enviou um vídeo emocionante, explicando o legado de sua mãe e sua atuação no Movimento Negro Unificado (MNU).

A programação de 10 a 12 de julho de 2025 foi uma correalização da Editora Oralituras, da Fundação Rosa Luxemburgo e do autor Alex Ratts, com produção associada do Núcleo Coletivo das Artes Produções. A curadoria é assinada por Maitê Freitas e Rita Teles, criadoras com atuação voltada à valorização da memória, das artes e das histórias negras. A publicação da biografia de Beatriz Nascimento é mais que um resgate: é um gesto de reverência e continuidade do pensamento de uma das maiores intelectuais negras do Brasil. Entre suas maiores contribuições está a ressignificação do conceito de quilombo. Para Beatriz, os quilombos não eram apenas espaços de fuga do sistema escravocrata, mas territórios de reinvenção da humanidade, de organização social, política e cultural.

Na potência do texto “Uma história feita por mãos negras”, Beatriz desafia a historiografia tradicional e propõe um olhar negro, ancestral e coletivo para a construção da memória. Para ela, o corpo negro é arquivo, é território e é linguagem. Sua escrita é atravessada por uma sensibilidade profunda e por um compromisso ético com a vida de seu povo. Esse compromisso transborda também em sua atuação como roteirista do



documentário “Ôrí” (1989), dirigido por Raquel Gerber — obra fundamental para entender o movimento negro no Brasil e as conexões entre identidade, ancestralidade e política.

Além de historiadora, Beatriz foi poeta. Uma poeta de águas profundas, cujos versos ainda estão sendo descobertos. Como destacou Conceição Evaristo durante o lançamento de *Eu Sou Atlântica*, há muitos poemas inéditos de Beatriz esperando para serem revelados ao público. Sua escrita poética percorre cartas, cadernos e manuscritos guardados com zelo, compondo um acervo que pulsa ancestralidade e afeto.

No prefácio da obra, a filósofa e ativista Sueli Carneiro descreve a presença de Beatriz com imagens que encantam: “Tive o privilégio de assistir à célebre conferência de Beatriz na Quinzena do Negro na USP, em 1977, evento organizado pelo pesquisador Eduardo Oliveira e Oliveira. Lá estava ela, vestida de dourado, parecendo uma manifestação de Oxum em terra, audaciosa nas ideias, bela na imagem, ativa na interlocução. Um momento mágico de afirmação de uma mulher negra como sujeito do conhecimento sobre o seu povo. Um momento mágico de sabedoria e sedução, de elegância e perspicácia como se estivéssemos num ritual yorubá de culto ao poder feminino.”

Se estivesse viva, Beatriz Nascimento completaria 83 anos neste mês de julho. Sua voz, no entanto, segue necessária, viva e pulsante. Ela foi assassinada em 28 de janeiro de 1995, no Rio de Janeiro, vítima de feminicídio. O autor do crime, Antônio Jorge Amorim Viana, alegou que Beatriz havia aconselhado sua companheira, Âurea Gurgel da Silveira, a terminar o relacionamento, devido à violência doméstica que sofria. A leitura de seus textos é mais do que um ato de conhecimento: é uma travessia. É reencontro com o mar Atlântico como ponte, não como abismo. É conexão com as epistemologias negras, com os saberes dos quilombos e com a força política da memória.

Ler Beatriz é deixar-se atravessar por oceanos de história, poesia e coragem. Sua *Atlântica* nos chama. E o chamado é urgente. Recomendando também a leitura *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro* (Pensamento Feminista Brasileiro), organizado por Heloisa Bu-



arque de Holanda — uma coletânea de textos dedicados às precursoras do debate sobre as especificidades das relações entre gênero e raça: Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro.





# À FÉ É O ALICERCE DA VIDA!

Suellen Andrews Machado



**FOI COM** essa frase que a escola de samba unidos do salgueiro iniciou seu samba-enredo trazendo elementos que aborda a proteção espiritual e seus diferentes aspectos ao longo da história e em diferentes culturas reforçando a herança africana na cultura popular com figura de Seu Zé, uma entidade protetora que ilumina o morro e oferece socorro aos necessitados.

Essa referência é uma homenagem às tradições afro-brasileiras e à espiritualidade que se manifesta através de rituais e crenças populares, como a macumba e a mandinga. Destaca a importância do terreiro como um espaço sagrado de resistência e proteção.

A letra menciona elementos como o gongá, o alguidar, a pomba e o patuá, que são símbolos de práticas religiosas afro-brasileiras. Esses elementos são utilizados para afastar o mal e garantir a segurança dos que pertencem à comunidade, referenciando a crença ancestral e reforçando os elementos existentes, algo importantíssimo para a cultura afro-brasileira e seu povo preto e de axé.

A definição de fé define que Fé é a crença profunda na existência de algo, uma convicção na veracidade de ideias ou seres, muitas vezes sem evidências concretas, mas que se manifesta como confiança, esperança e fidelidade. Pode referir-se a um sentimento pessoal, a um sistema de crenças religiosas, à confiança depositada numa pessoa ou na sua capacidade, ou até a um princípio de ação e poder que motiva a seguir os ensinamentos e exemplos de uma divindade. Fé é acreditar em um futuro melhor, saber que está trilhando um bom caminho que vai ficar tudo bem que vai dar certo e tudo está e estará no controle é realmente acreditar no impossível ou no seu possível... É uma ação involuntária quando nos comovemos diante de uma tragédia, dos inúmeros pedidos de orações e até mesmo diante da morte

"Que tenha uma boa passagem" ... "

"Que a luz e a força dos guias espirituais amparem sua dor"

"Que os orixás tragam força e serenidade neste momento de luto"

O Senhor está perto dos que choram. Que o Espírito Santo traga consolo e que a paz de Jesus envolva seu coração". Mensagens de acalento e força para seguir mesmo diante daquele momento difícil estes são um dos inúmeros momentos delicados mais em que a fé se mostra presente em suas diversas maneiras.

" A fé é crua e bonita... Crua porque, para tê-la precisamos passar pelas provações diárias, e bonita porque as provações nos fazem crescer e chegar ao topo do autoconhecimento, do amor, da maturidade e, principalmente, da felicidade plena".



# O COMBATE AO RACISMO LINGUÍSTICO É INADIÁVEL

Thainá Rocha da Silva

## EXPRESSÕES

racistas causam desconforto porque não se trata somente de palavras. Palavras não são racistas, pessoas são.

Por trás de uma expressão racista existem ideologias discriminatórias que são construídas na intenção de humilhar e inferiorizar alguém por pertencer a um grupo social que a sociedade estruturalmente menospreza e oprime. O racismo linguístico contra pessoas negras mora na intenção do racista em inferiorizar, animalizar e humilhar a sua vítima, o que é nítido quando percebemos que grande parte dessas expressões colocam pessoas negras em lugares de desumanização, ou seja, no lugar de objetos ou animais, ou em posição de oposto ao que é bom, positivo e belo.

De acordo com o linguista Gabriel Nascimento, o racismo linguístico é a relação entre linguagem e racismo, uma forma sistemática de opressão que se fundamenta na língua. Essa violência é percebida não somente em expressões racistas, mas também na estigmatização de falares de grupos minoritários, no sucateamento da educação pública – o que impactam o ensino do Português e outras línguas – e no apagamento das influências das línguas africanas no português falado no Brasil, por exemplo.

Palavras que oprimem têm esse efeito por carregarem ideologias preconceituosas, em que pessoas racistas transformam a língua e a linguagem como formas de materializar seu preconceito. Logo, para além de questionar a problemática de usar determinados termos, o combate ao racismo linguístico também necessita do combate ao racismo como um todo, especialmente o estrutural, que atua na normalização das formas de violência contra pessoas negras, inclusive na linguagem.

A língua é muito mais do que encontramos em dicionários e gramáticas, ela é cultura e identidade. Ela pode ser fonte de opressão mas também forma de resistência. O combate ao racismo linguístico é uma tarefa diária e inadiável, e nós devemos lutar contra toda forma de opressão de oprimir nosso povo.



28 DE OUTUBRO DE 2025:  
NECROPOLÍTICA E O  
GENOCÍDIO NAS FAVELAS  
DO RIO DE JANEIRO.

Thaís Santana da Conceição

## NO DIA

28 de outubro de 2025, o Rio de Janeiro foi palco de uma das operações policiais mais letais de sua história recente. A ação nos complexos da Penha e do Alemão resultou em ao menos 64 mortos, segundo registros da imprensa formal, superando todas as operações anteriores no estado. O Portal de comunicação Voz das Comunidades, veículo de informação composto por moradores de favelas e periferias do Rio de Janeiro, contabilizou 140 mortos, mais do que o dobro do divulgado pela imprensa tradicional. Moradores das comunidades relataram tiroteios que se estenderam por horas, bloqueios de vias, corpos deixados em áreas de mata e um clima de guerra urbana.

Esses dois conjuntos de dados, o “oficial” e o comunitário, indicam que não se tratou apenas de uma operação localizada de combate ao crime, mas de uma atuação intensa e generalizada, em que a lógica de “invasão” de favela convergiu com a da militarização e da letalidade extrema. Esses episódios revelam o funcionamento cotidiano de um Estado que administra a morte como política estatal. Nas favelas e periferias, a violência não é exceção, é regra, é método. O discurso da “guerra às drogas” serve como justificativa moral e jurídica para a produção constante de mortes. Em cada incursão, o Estado reforça a mensagem de que há vidas que valem menos, corpos que são descartáveis e territórios que podem ser sacrificados em nome da “ordem”.

Essa lógica é o que Achille Mbembe (2003) define como necropolítica: o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. O autor explica que a soberania moderna se expressa, em sua forma mais extrema, quando o Estado reivindica o direito de matar em nome da segurança, da civilização ou da paz. Nas favelas do Rio, a necropolítica se materializa na militarização dos territórios, na criminalização da pobreza e na indiferença diante dos mortos. São zonas de exceção, espaços onde a Constituição parece suspensa e onde o poder policial atua sem responsabilidade ou limite.

Essa necropolítica é herdeira direta da biopolítica descrita por Michel Foucault (1979). O filósofo francês mostrou que, a partir do século XVIII, o poder deixou de se exercer apenas pelo direito de matar, passando a se organizar em torno da ideia de “fazer viver e deixar morrer”. A biopo-



lítica é, portanto, a administração da vida, mas também a autorização da morte daqueles que não se enquadram nos critérios de utilidade e normalidade social. No Brasil, essa fronteira entre o “fazer viver” e o “deixar morrer” se traduz em linhas de cor, renda e território. O Estado investe em vida nas zonas brancas e abastadas, enquanto administra a morte nas áreas negras e pobres. É nesse ponto que a biopolítica se converte em necropolítica, quando o direito de viver passa a ser distribuído de forma desigual e a morte se torna uma forma de governo.

O contraste entre o tratamento dado às favelas e às zonas ricas explicita essa desigualdade. Nas comunidades, helicópteros atiram de cima, blindados destroem casas e corpos são recolhidos sem identificação, quando são recolhidos. Já em bairros como a Faria Lima ou o Leblon, onde também circulam armas e práticas ilegais, o Estado age com cautela, mandado judicial e garantias processuais. A diferença não está na presença de armas, mas na cor e no CEP dos envolvidos. O que em um território é massacre, em outro é operação de rotina.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, assegura o direito à vida, à igualdade e à dignidade da pessoa humana. Mas, diante desses episódios, torna-se evidente que tais direitos são aplicados de modo seletivo. A favela permanece sendo o espaço onde o Estado experimenta seus limites, onde a legalidade é substituída pela exceção e onde a morte é normalizada como instrumento de governo.

Essas operações não apenas violam direitos humanos, mas também corroem a própria legitimidade da democracia. A segurança pública, em uma sociedade democrática, deveria significar proteção da vida e não a gestão do medo. Quando o sangue se torna o preço da estabilidade, o Estado abdica de sua função ética e transforma a cidadania em privilégio.

O que se desenha, portanto, é a continuidade de uma política que decide quem merece viver e quem pode ser eliminado e que chama isso de segurança. O desafio é romper com essa lógica e recolocar a vida, sobretudo a vida negra e periférica, no centro do projeto democrático.



FÉRIAS?

NOSSO CORRE

SEMPRE FOI OUTRO!

Viviane Resende Alves



**JÁ PAROU** pra pensar que nós enriquecemos a Europa?

Pois foi! Exatamente assim!

O tráfico de pessoas escravizadas e a exploração das riquezas das colônias possibilitaram o acúmulo de capital jamais experienciado pelas superpotências da época. Assim, o "trabalho" não remunerado de pessoas negras foi crucial para o enriquecimento que se desdobrou na industrialização/mecanização da Europa.[1][2]

Sim, na corrida do dinheiro pelo dinheiro, eles largaram na frente! O trabalho injusto, inglório e desumano nas colônias possibilitou que pessoas livres se tornassem assalariadas do outro lado do atlântico. Mas nem tudo são flores, essas pessoas viveram outros tipos de exploração e desumanização, rebelaram-se, e garantiram direitos.

Não preciso te lembrar o lugar das pessoas negras no mundo enquanto a Inglaterra concedia férias aos trabalhadores industriais pela primeira vez, em 1872, preciso? Lá, já libertos, trabalhavam nas indústrias e acompanharam a onda. Em África- apesar do tráfico transatlântico ser proibido em alguns países desde 1807 – estávamos ainda em luta pela resistência ao comércio escravista, e à expansão do colonialismo em nossas terras. Por aqui ainda estávamos escravizados, focados em outra luta, a da libertação.

Contextos diferentes... Lutas diferentes!

No Brasil o direito às férias só chegou – em forma de projeto – em 1924 para funcionários de indústrias, comércio e bancos. Acho que também não preciso te lembrar que não fazíamos parte de nenhum destes grupos.

Parece que faz séculos, mas na verdade foi ontem, e se você olhar através do nosso olhar, de um olhar petrificado, o olhar do Letra, 1924 foi



apenas 36 anos após o ato final que determinou o fim da escravização no Brasil, ou seja, o povo preto não ocupava esses lugares.

A reflexão aqui é que, da mesma forma que lutas feministas generalizadas não alcançam as realidades vividas por mulheres negras periféricas (evidenciando a ramificação necessária por um feminismo negro diferente de um feminismo branco), muitas questões de classe também não alcançam nosso povo.[3]

As políticas trabalhistas implementadas por Getúlio Vargas nas décadas de 1930, 1940 e 1950 – direcionadas aos trabalhadores formais – como a carteira de trabalho, o salário mínimo, férias e licença-maternidade não chegaram à maioria da população negra porque estavam, e ainda estão, na informalidade.

O nosso corre era, e continua sendo outro!

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que, apesar de ser maioria da população, o povo negro-brasileiro ganha 61% menos que o povo não-negro empregado. Diz também que os postos de trabalho informais são ocupados majoritariamente por pessoas de pele negra. E diz mais: pessoas de pele clara têm mais facilidade de serem escolhidas quando o quesito é empregabilidade.[4]

Dinheiro e trabalho estão diretamente relacionados aos padrões de vida e à distribuição de rendimentos. Um povo que ganha 61% menos, e que está majoritariamente “empregado” em atividades informais não está, em sua maioria, viajando para o exterior nas suas férias... Não está viajando entre estados do próprio país... Não está viajando! Não está nos clubes privados, em resorts, velejando, ou curtindo seu tempo ocioso... Não está de férias!

O conceito de Férias é um fenômeno social que não nos atende. É claro que não estamos aqui falando dos negros bem-sucedidos que fazem parte do seu restrito ciclo pessoal. Estamos falando de 56% da po-



pulação brasileira, da maioria!

Metade das pessoas negras que você conhece está confortável financeiramente? Curtindo férias?

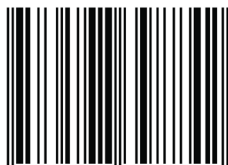
A realidade velada (assim como o racismo no Brasil) é que a maioria das pessoas negras estão em subempregos, lutando para apenas pagar suas contas, e isso não é por falta de esforço ou porque são preguiçosos como defendem os meritocratas. É resultado de um país que nos retirou da senzala e nos jogou à sarjeta. Sem respeito, sem direitos!

Implica dizer que, na desumana luta capitalista, largamos em último lugar, e estamos, há 137 anos, tentando furar a bolha... Tentando existir para além de resistir... Tentando usufruir da equidade... Tentando, finalmente, sair de férias!



ISBN: 978-65-983988-4-2

**CDL**



9 786598 398842